



VIDA DE PROFESSORAS CATARINENSES GUARDADAS EM REGISTROS DE AULA

Tânia Regina da Rocha Unglaub¹

Introdução

Esta comunicação² tece algumas reflexões sobre as escritas ordinárias que marcaram as páginas de cadernos de normalistas e registros de aulas de professoras catarinenses no período do Estado Novo. Os cadernos contêm letras de músicas nacionalistas e muitas poesias. Este material foi cedido no momento da entrevista, por aquelas que registraram as letras dessas canções e poesias. - Cacilda Mozer e Isabel Lins. Elas foram alunas do Curso Normal do Instituto de Educação, da cidade de Florianópolis no início dos anos 40. Segundo as entrevistadas, estes cadernos eram utilizados nas aulas de Canto Orfeônico, disciplina obrigatória no currículo escolar. Todas as canções tinham caráter nacionalista, eram escritas de forma manuscrita e ensinadas durante as aulas de Canto Orfeônico. Esta disciplina fazia parte integrante da grade curricular. Esta modalidade de ensino foi implantada e capitaneada por Villa-Lobos³ em todo o Brasil consagrando-se como fator importante e necessário na educação de toda criança e juventude residente nesse país no período do Estado Novo.

Era nas aulas de Canto Orfeônico ministradas nas escolas, que os alunos deveriam aprender hinos oficiais brasileiros e demais canções de caráter patriótico com o propósito de inculcar o amor e orgulho pelo Brasil. Como parte da metodologia pedagógica da disciplina de Canto Orfeônico, as letras das canções escolares e suas devidas interpretações eram copiadas por estudantes em seus cadernos de música. Também, os alunos do curso normal eram estimulados a compor canções de exaltação a terra brasileira, a vultos pátrios e à missão do professor nacionalista.

¹Doutora em História pela UFSC, Docente da Universidade do Estado de Santa Catarina. E-mail: taniaunglaub@yahoo.com.br

² As informações apresentadas neste artigo foram coletadas durante a construção da tese de Doutorado em História defendida na Universidade Federal de Santa Catarina, na área de concentração: História Cultural, tendo como título “**O poder do canto ou o canto do poder? Um olhar sobre o uso do canto como prática pedagógica no Estado de Santa Catarina num contexto autoritário (1937-1945)**”. A pesquisa foi financiada pelo CNPq e foi concluída no ano de 2008.

³ Heitor Villa-Lobos (1887- 1959). Nascido na cidade do Rio de Janeiro. Foi um grande músico e educador. Na área da educação atuou como o primeiro superintendente da Superintendência da Educação Musical e Artística (1932), ligada ao Departamento de Educação da Prefeitura do Distrito Federal. Regeu grandes concentrações orfeônicas de escolares em prol da nacionalização do ensino. Foi o primeiro diretor do Conservatório Nacional de Canto Orfeônico e organizou o programa de Canto Orfeônico para ser praticado nas escolas de todo o país. O maestro Villa-Lobos compôs choros, sinfonias e concertos, óperas e coral, trilha sonora para cinema. Entre as décadas de 30 e 40 organizou o Guia Prático - 137 peças para diversas formações escolares. (1942). MARIZ, Vasco. **Heitor Villa-Lobos**: compositor brasileiro. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983. **Este ano (2009) comemora-se 50 anos da morte de Heitor Villa-Lobos.**



Para obter contato com depoentes que vivenciaram aquele momento histórico (1937-1945), a Associação Catarinense de Professores de Florianópolis forneceu endereço de professoras brasileiras que tiveram sua formação e/ou docência no período citado. Depois do contato telefônico, as professoras foram entrevistadas. Entusiasmadas com a entrevista, algumas repetiram as canções daqueles tempos vividos e mostraram suas anotações em cadernos reencadernados em capas duras, como que querendo perpetuar aqueles momentos, outros eram cadernos com capas surradas pelo tempo, mas guardados com carinho, demonstrando um valor simbólico inigualável. Também foram apresentados relatórios de professoras que continham anotações de todo o ritual cívico a ser apresentado por seus alunos, bem como poesias e músicas nacionalistas. Essas relíquias bem guardadas de escritas ordinárias serviram como suporte de memória, despertando sentimentos vivos sobre um tempo passado, ainda presente.

As escrituras ordinárias expressas nestes documentos particulares revelam práticas de mulheres que aprenderam e se dedicaram à arte de ensinar, num período nacionalista, através de uma cultura patriótica. Nestes cadernos além das anotações das festividades e canções cívico-patrióticas estão registrados como estas figuras femininas chegaram ao seu local de trabalho para servir a pátria, e como eram instruídas continuamente *in loco* por inspetores para não desviarem do propósito nacionalista. O inspetor, representado pela figura masculina, tinha a incumbência de instruir as “professorinhas” na nobre missão de servir a pátria. Estas práticas representam a cultura nacionalista difundida no período estadonovista e foram analisadas na perspectiva da história cultural na chave das representações no sentido adotado por Roger Chartier, (1990).

Cadernos de Música, Reliquiário de Professoras

Isabel Lins⁴, uma das depoentes, que foi estudante na época da guerra, do Curso Normal do Instituto de Educação de Florianópolis (instituição modelo no estado catarinense), conta como os hinos, canções e marchas, enchiam de entusiasmo os corações daquelas futuras professoras, motivando-as a participarem dos ideais nacionalistas. A entrevistada disse que havia interesse dos dirigentes da Nação em despertar o entusiasmo da mocidade. Era necessário despertar os sentimentos de brasilidade, naqueles que seriam os responsáveis pelas práticas nacionalistas. No seu depoimento está claro que durante o Curso de formação de

⁴ LINS, Isabel. 81 anos. Entrevista. Florianópolis: 13/12/2005.



professores, havia um preparo através das disciplinas e atividades curriculares que os induzia a servirem a pátria na arte de ensinar, e fala:

Muitos hinos, canções, marchas faziam parte do nosso entusiasmo de estudantes numa época de incertezas mil, a 2ª guerra mundial. Neste mesmo período estávamos nos preparando para, após a formatura, seguirmos para o interior do Estado para participarmos da campanha de nacionalização do Ensino primário, que duraram vários anos. Éramos orientados para atuar no cultivo da língua Nacional em prosa e verso, e, através dos cantos e hinos pátrios.⁵

E, no momento da entrevista, começa a cantar as músicas com muita espontaneidade, como que querendo viver novamente aqueles momentos. Entoa as músicas com muita afinação e entusiasmo. É notável como algumas são cantadas praticamente de memória. De repente para de cantar e vai até seu escritório e trás uma caixa que contém seus tesouros do tempo de estudante e do início de sua carreira de professora. Ela abre esta caixa, que é um verdadeiro relicário e, de lá retira papeis, cadernos antigos que eram destinados a disciplina de Canto Orfeônico que continham canções copiadas pela mão da entrevistada no momento dessas aulas. Somado a este material, trás dois álbuns fotográficos. Cunha percebe que as “reliquias tanto mundanas como sagradas, trazem consigo histórias, acontecimentos, lembranças, memórias, pois estão imbuídas de significados de qualidades de representação que vão além de sua situação original”⁶. Portanto, relicários de Isabel ao serem examinados a motivaram narrar muitas histórias imbuídas de significados e representações na daquele período, que talvez estivessem além de sua situação original. Para Chartier, as representações “é um produto, resultado de uma prática, historicamente produzida pelas práticas articuladas que constroem figuras (...) é um produto cultural, resultado organizado de informações, julgamentos, atitudes de seu sujeito”⁷.

Como que revivendo aquelas práticas historicamente produzidas, Isabel examina as páginas de seu caderno, hoje encadernado em capa dura, para perpetuar seu conteúdo. Este caderno foi do seu tempo de estudante e que depois reutilizado nas suas aulas ministradas. Este documento é constituído por letras de canções e poesias de cunho nacionalista, que exalta à natureza, heróis da Pátria, boa conduta e enaltece da família. Ela folheia as páginas do caderno entoando as canções que lhe vem na memória. Também relata muitas histórias associadas àquelas melodias entoadas em eventos cívicos e sala de aula. Bosi faz referência a essas lembranças como uma imagem construída pelos materiais que estão á disposição no

⁵ Idem. Entrevista citada.

⁶ CUNHA, M. T. S. No tom e no tema: escritas ordinárias na perspectiva da cultura escolar (segunda metade do século XX). In: BENCOSTTA, M. L. A. (org.) *Culturas Escolares, Saberes e Práticas Educativas: itinerários históricos*. São Paulo: Cortez, 2007. p.84.

⁷ CHARTIER, R. *A História Cultural. Entre Práticas e Representações*. (Tradução de Maria Mauela Galhardo). Lisboa: Difel/Bertrand Brasil, 1990, P. 72.



conjunto de representações que povoam o imaginário atual do indivíduo⁸. Muitas vezes memória invoca conjuntos referenciais instituídos pela sociedade.

A memória é organizada pelas ações e espaços, e se realiza a partir da afetividade. Os sujeitos se lembram bem, geralmente do que os marcou seja positiva ou negativamente. Da mesma forma, uma dor (física, moral ou psicológica) pode ser apagada da memória em função da dificuldade de se administrar no presente sua lembrança.⁹

No entanto, esta seleção é sempre de cunho afetivo. Isabel, ao abrir o caderno utilizado nas aulas de Canto Orfeônico vira aquelas páginas amareladas, marcadas pelo tempo, no qual contém cópias manuscritas de músicas nacionalistas, que foram aprendidas no início da década de 40, no curso de formação de professores do Instituto de Educação de Florianópolis. Ao folhear aquele caderno grande, preto, de capa grossa. Escolhe algumas músicas, e canta:



Depoente mostra seu caderno e entoia canções¹⁰

A entrevistada falou reiteradas vezes que no seu tempo de estudante aquelas música eram as mais cantadas. Isabel faz questão de mencionar que estas músicas eram cantadas marchando quase todas as tardes no pátio da escolas e nas cerimônias cívicas nos desfiles de rua. Outra coisa que chama a atenção é que entre as canções ela falou e repetiu que “*as músicas possuem ritmo de marcha, e são músicas que dão energia*”¹¹. Faz questão de mencionar que essas músicas eram próprias para se cantar marchando. Essas canções possuem ritmos e andamentos musicais que parecem obedecer a um padrão que induz à disciplina do corpo, associado ao andar e marchar, destinada a regular ou acompanhar os movimentos das pessoas, mantendo a cadência, principalmente em sentido militar.

⁸ BOSI, E. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. 10. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, 23.

⁹ PASSOS, M. C. Memória e história de professores: como praticar é lembrar. In: VASCONCELOS, G. A. N. (org.) *Como me fiz professora*. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p.103.

¹⁰ Foto retirada pela autora desta pesquisa no momento da entrevista com Isabel Lins. Florianópolis: 13/12/2005.

¹¹ LINS, I. (ENTREVISTA CITADA)



As letras dessas canções comportam os ideais pensados para o país. “Mocidade” se apresenta como certeza do futuro da Pátria, defensora da Nação. Cantada em época de guerra quase todas as tardes e acompanhada de marcha, utiliza linguagem explicitamente militar com frases como “cerremos fileiras” e “empunhemos o fuzil”. A letra ainda faz os cantores se apresentarem como paladinos da nação. “Estudante do Brasil” por sua vez apresenta o estudante como tendo a maior missão de lutar incessantemente para tornar bem maior o Brasil, com as passadas firmes dos alunos em marcha ecoando as palavras da canção “marchar, marchar para frente”. As crianças são representadas neste momento, pelas letras dos hinos e canções como soldados do Brasil. Por isto deveriam lutar e também estudar por ele. Não é de se estranhar que estas músicas durante o tempo da guerra, eram executadas quase todos os dias. Mas mesmo após o conflito terminado elas continuaram a manter sua força na conclamação figurada de vitória.

Assim como essas letras, as demais músicas de Canto Orfeônico evidenciavam a preocupação em assinalar valores como o heroísmo dos vultos pátrios, o culto dos símbolos nacionais, o orgulho pela grandeza e a beleza do território nacional. Entretanto sem descuidar a valorização do homem brasileiro e sua cultura; do cidadão trabalhador que exercendo suas atividades honesta e honradamente, zela pela sua família e pelo progresso da Pátria.

Entre as músicas de exaltação aos heróis encontram-se personagens muito diversos como Cabral, na música Descobrimento do Brasil, Duque de Caxias, Tiradentes, o próprio presidente Vargas e até educadores como Pestalozzi e Orestes Guimarães. Quanto à exaltação da Pátria é digno de nota a expressão da frase da música Exaltação ao Brasil, que enfatiza: “cantar é saber viver pelo Brasil para ensinar ao povo varonil, que esta terra forte há de ser nossa até morrer porque nos viu nascer”. Pode se bem imaginar o efeito nas mentes juvenis, mesmo dos filhos de imigrantes estrangeiros, de palavras como essas repetidas à exaustão em cânticos entoados garbosamente, com o entusiasmo natural de vozes em tenra idade. O resultado esperado pelas autoridades era mais notório, tendo em vista que era conseguido sob as ameaças ou represálias, aos que não conseguissem pronunciar adequadamente o idioma da Terra que os viu nascer.

A representação de uma pátria florida, alegre e vivaz aparece nas letras de canções como “Terra Brasileira” com sua melodia vivaz e em ritmo entusiástico. Isabel também faz questão de cantar e contar como esta canção os enchiamde entusiasmo:

TERRA BRASILEIRA

Raiando o sol nas verdes serras/ nos vales tudo é esplendor.
Os raios de ouro pelas terras/ Rolando vão de flor em flor.
Oh Terra Brasileira/ de todas, à primeira/ Mais lindas são as flores/



Bem mais vivas são as cores desse imenso céu de anil.
Oh não há céu tão lindo/ de azul assim infindo
Nem tão feliz sorriso, nem tão belo paraíso como nesse meu Brasil.
Lá, lá, lá rá, rá ,rá, lá, lá, ...
Os rios mares e florestas/ os campos e jardins sem par
Jubilam em perenes festas saltando o sol ao despantar.¹²

Essa canção foi repetida por muitos anos. Isabel Lins conta que, mesmo depois de muito tempo, quando ela já era diretora da escola de aplicação, essa música ainda era entoada por uma nova geração de professoras em formação. Era, assim, garantida a continuidade do mesmo ideário, consolidando aquela representação nacionalista da Pátria brasileira.

Cacilda Moser¹³ também menciona como todos os espaços do cotidiano escolar eram usados para inculcar os princípios de brasilidade através dos sons nacionalistas. Ela também faz questão de mostrar seu caderno de tempos de normalistas, cujas páginas estão amareladas, marcadas pelo tempo. Cacilda relata que aquele caderno a acompanhou em muitos anos de seu magistério. Também o abre, folheia e entoa canções que lá estão anotadas.

Ela conta que iniciou seu magistério na cidade de Rodeio, no ano de 1943, logo a pós sua formatura do Curso Normal no Instituto de Educação. Ao relatar sua experiência, logo vem a sua memória, a visita de um inspetor num dia em que haviam programado um pic-nic com finalidade educativa e recreativa com todos os alunos do Grupo Escolar. Esta visita ilustre era o próprio João dos Santos Areão, Inspetor Federal das Escolas Subvencionadas, e ele chegou de surpresa e acompanhou o passeio. Ela fala com muita emoção e nostalgia, ao narrar que em meio ao *pic-nic*, o professor Areão reuniu o grupo para cantar uma música de sua própria autoria. A nova canção aprendida naquele passeio escolar intitulava-se “Patriotismo da Vovó”. A letra da primeira frase da música, já provoca sentimentos nostálgicos e saudosistas, pois assim começa: “quando estamos no campo em repouso, recordamos as lindas histórias que vovó contava do Brasil, seus heróis, suas glórias”. A professora Cacilda relatou que o cântico dessa canção foi entoado a duas vozes. “*Ninguém conhecia a música; aprendemos ali mesmo e uma parte nós fizemos a duas vozes, ficou muito bonito. O inspetor era rígido, mas ensinava bem*”¹⁴.

Ao examinar a partitura desta canção, percebe-se que sua composição possui melodia e harmonia fáceis de serem assimiladas. Como quase todas as músicas nacionalistas, a extensão vocal era própria para as vozes infante-juvenis. A estrutura musical também permite rápido aprendizado. Esta canção foi escrita em compasso quaternário. As estrofes estão na

¹² Música encontrada nos cadernos de Isabel Lins.

¹³ MOSER, Cassilda Miranda. (82 anos) Entrevista concedida à autora da pesquisa. Florianópolis, 15/11/2006.

¹⁴ IDEM. (Moser, C., ENTREVISTA CITADA).



tonalidade de dó menor, evocando certa nostalgia, mas, quando entra na parte do coro, há modulação que transpõe a música para tonalidade de Dó Maior, tornando-a alegre e vibrante, animando as palavras da canção: “Pois vovó mesmo sendo velha, sentia o dulçor da canção prazenteira/Que há de sempre sentir a mulher que por sorte nasceu brasileira”¹⁵. A letra do coro evoca o sentimento de pertença e orgulho para os nascidos no Brasil. A letra do coro evoca o sentimento de pertença e orgulho para os nascidos no Brasil.

Entre os inspetores que trabalharam arduamente na campanha de nacionalização do ensino, em Santa Catarina, destaca-se a figura deste compositor e Inspetor Federal das Escolas Subvencionadas, João dos Santos Areão. Ele desempenhou um papel dinâmico e idealista, consubstanciada por viagens em todos os rincões desse território, trabalhando em prol da nacionalização do ensino, principalmente no período do Estado Novo. Entre as ações nacionalistas praticadas em suas viagens, constatou-se a ênfase na sistematização, orientação e fiscalização do Canto Orfeônico. Esta prática nacionalista tornou-se efetiva no território catarinense, devido o desprendimento e interesse do inspetor Areão em agregar mais este encargo.

O aprendizado dos hinos e canções patrióticas no período do Estado Novo era efetivo e dinâmico. Esteve integrado em quase todas as programações curriculares citadas, também buscava auxiliar na apreensão de várias disciplinas como história e geografia do Brasil, ensino de educação cívica, português, ciências naturais, moral e até educação física (REVISTA DE EDUCAÇÃO, 1936, p.23). Suas letras e melodias carregadas de conteúdos nacionalistas eram entoadas no ambiente escolar, com o objetivo de serem gravadas na mente infantil e levadas aos lares.

A escola transformou-se num palco de brasilidade através de um projeto específico de nacionalização, atuando de forma coerciva visando à assimilação cultural dos imigrantes a partir dos estabelecimentos de ensino primário. A padronização do ensino, com conteúdos nacionalistas para todos os cursos e outras atividades curriculares como festividades cívicas nas escolas e locais públicos com apresentações de recitativos, marchas e canções de louvor a nação brasileira, foi determinada pelo sistema federal e estadual de educação.

Para assegurar o sucesso da Campanha de Nacionalização em Santa Catarina, foi designado que inspetores supervisionassem o trabalho das escolas, pois a escola fora

¹⁵ A professora Cacilda cedeu à autora desta pesquisa, fotografias, como também um caderno para tirar fotocópia, contendo várias poesias e letras de canções que usavam nas programações cívicas e aulas. Esta música está escrita neste caderno. Também foi cedido pela entrevistada Sueli de Souza, partituras musicais escritas por João dos Santos Areão, guardadas em um baú de seu falecido pai, professor Abelardo de Souza. Entre as partituras encontrava-se a canção Patriotismo da Vovó.



considerada o local onde se preparavam os novos brasileiros dentro do verdadeiro espírito de nacionalidade. Professoras eram orientadas por inspetores para este fim. Para eles a escola teria que ser uma oficina de caracteres adaptáveis ao regime político brasileiro. Coerente com essa visão, as inspeções focavam a parte pedagógica de acordo com o pensamento político-pedagógico nacionalista. Verificava-se a capacidade do professor com o domínio da língua vernácula, o conhecimento dos hinos pátrios, dos heróis da nossa história bem como a atenção com o culto às autoridades.

As canções nacionalistas entoadas no cotidiano escolar buscavam produzir patriotismo no imaginário dos estudantes. Essas palavras repetidas à exaustão em cânticos entoados garbosamente, com o entusiasmo natural de vozes em tenra idade, mesmo em ambientes recreativos. O resultado esperado pelas autoridades era mais notório, tendo em vista que era conseguido sob as ameaças ou represálias, aos que não conseguissem pronunciar adequadamente o idioma da Terra que os viu nascer.

Bibliografia

AREÃO, J.S. *Relatório da Inspetoria Federal das Escolas Subvencionadas do Estado de Santa Catarina*: Inspeção João dos Santos ao Ministro da Educação e Saúde – Gustavo Capanema – 1º, 2º, 3º, 4º, trimestres de 1939. Florianópolis, APESC.

BRESCIANI, M. S. O poder da imaginação: do foro íntimo aos costumes políticos. Germaine de Staël e as ficções literárias. In: SEIXAS, J.A. & BRESCIANI, M. S.; BREPOHL, M. *Razão e Paixão na Política*. Brasília, Ed. da UNB, 2002. p.59-77.

BOSI, E. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. 10. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CHARTIER, R. *A História Cultural. Entre Práticas e Representações*. (Tradução de Maria Mauela Galhardo). Lisboa: Difel/Bertrand Brasil, 1990.

CUNHA, M. T. S. No tom e no tema: escritas ordinárias na perspectiva da cultura escolar (segunda metade do século XX). In: BENCOSTTA, M. L. A. (org.) *Culturas Escolares, Saberes e Práticas Educativas: itinerários históricos*. São Paulo: Cortez, 2007. p. 79 – 102.

NORA, Pierre. *Entre Memória e História: A problemática dos lugares*. Proj. História. São Paulo (10). Dez. 1993. p. 7 - 28.

OLIVEIRA, M. R. Oralidade e Canção: A Música Popular Brasileira na História. In: LOPES, A. H.; VELLOSO, M. P.; PESAVENTO, S. J. (orgs.). *História e Linguagens: Texto, imagem oralidade e representações*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006. p. 245-256.

PASSOS, M. C. Memória e história de professores: como praticar é lembrar. In: VASCONCELOS, G. A. N. (org.) *Como me fiz professora*. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p.103 – 117.



Revista de Educação. Florianópolis, ano I, n. 1. Janeiro/fevereiro. 1936. p. 23

FONTES ORAIS

LINS, Isabel da Silva. (81 anos) Entrevista concedida à autora da pesquisa. Florianópolis, 09/02/2006; 07/03/2006.

MOSER, Cassilda Miranda. (82 anos) Entrevista concedida à autora da pesquisa. Florianópolis, 15/11/2006.